

PILÃO, Antonio Cerqueira. Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 12, n. 35, pp. 505-524, Agosto de 2013. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

## **Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico**

*Antonio Cerdeira Pilão*

*Recebido em 24.03.2013*

*Aprovado em 20.07.2013*

505

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar os ideais amorosos de poliamoristas brasileiros a partir da análise de seus discursos relativos ao Poliamor, ao amor romântico e as distinções entre amor e amizade e entre amor e sexo. Poliamor é um termo que designa a possibilidade de estabelecer múltiplas relações afetivas e sexuais de forma concomitante, igualitária e consensual. Neste trabalho, entende-se o amor como um produto histórico e procura-se analisar as continuidades e rupturas da “cultura poliamorista brasileira” em relação a outras “culturas amorosas”. Os poliamoristas pesquisados consideram a monogamia e o amor romântico fontes de sofrimento, infelicidade, frustração e anulação de si. Defendem, em contrapartida, que a individualidade e a liberdade não se contradigam com o amor, sendo não apenas possível, mas preferível, estabelecer mais de um relacionamento conjugal ao mesmo tempo. Neste sentido, a amizade sintetiza para muitos o ideal de conjugalidade, já que seria regida por espontaneidade e liberdade e não por obrigatoriedades e tolhimentos. A primazia do amor sobre o sexo pode favorecer atitudes de crítica e condenação aos sujeitos que praticam sexo sem envolvimento afetivo. A presente pesquisa foi conduzida nos anos de 2011 e 2012 em que foram analisadas quatro redes virtuais de Poliamor no Brasil, cinco entrevistas em profundidade com poliamoristas e observação participante em “Poliencontros” (encontros presenciais).

**Palavras-chave:** emoções, amor, poliamor, sexualidade

## **Introdução: Do amor universal às “culturas (poli)amorosas”**

O pressuposto básico para a análise do “amor” como objeto de reflexões sócio-antropológicas é a recusa de seu domínio do campo das ciências naturais e da crença de que se trata de um sentimento universal, invariável historicamente e presente em todas as épocas e culturas.

Marcel Mauss (2004) se afasta da perspectiva que analisa as esferas naturais e culturais como realidades autônomas e distintas. O desenvolvimento biológico humano está para o autor articulado à socialização, sendo os corpos, ao mesmo tempo, dados naturais e produções culturais. Desta forma, Mauss recusa a crença de que temos um único corpo, universal, ao qual uma cultura se sobreporia; mas defende que há diferentes corpos, criados e classificados através de performances.

Mead (1967) nos proporciona um valioso quadro analítico para a compreensão do aprendizado das emoções a partir de processos interativos (“conversação de gestos”). Para o autor, não é possível pensar em indivíduos isoladamente, já que toda forma de sentido é construída a partir da percepção dos sentidos dos outros, do ajustamento dos seus gestos aos gestos do outro. Seguindo esta perspectiva, podemos pensar que o “amor”, como outros sentimentos, não estão dados *a priori* no indivíduo, uma vez que dependem da interação para serem produzidos.

Mauss (2004) e Mead (1967) são dois autores que já no início do século XX apontam para a forma como os significados e as emoções são resultado de processos de socialização. Inúmeros cientistas sociais têm afirmado que em diferentes culturas e momentos históricos são encontradas profundas variações nas formas de conceber e vivenciar aquilo se convencionou denominar de “amor”. O conceito de “cultura afetiva”, utilizado por Le Breton (2009), contribui para esta problemática. Para o autor, as emoções estão vinculadas a sistemas de significados, sendo a interação o meio no qual são apreendidos, renovados e compartilhados.

Neste trabalho, fugindo à busca pela universalização do amor, investigo os aspectos que diferenciam a “cultura poliamorista” de outras “culturas amorosas”, analisando as representações sobre o “amor” de um grupo de pessoas que se identificam como poliamoristas. Estas reflexões são resultado de uma reelaboração da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ em 2012, intitulada: *Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero*, em que foram analisadas quatro redes virtuais de Poliamor brasileiras: <http://Poliamorbrasil.org/> e <http://Poliamores.blogspot.com/>, a comunidade “Poliamor Brasil”, na rede de relacionamentos *Orkut* e a “Pratique Poliamor Brasil” no *Facebook*; cinco entrevistas em profundidade com adeptos e observação participante em “Poliencontros” (encontros presenciais).

## **Ideais poliamorosos: liberdade, horizontalidade e honestidade**

*"Os amorfóbicos que me desculpem, mas o amor no poliamor é fundamental..." Alana ao grupo do Facebook.*

Considero o amor simultaneamente como o quarto princípio da ideologia poliamorista e a base na qual os três outros valores (honestidade, igualdade e liberdade) incidem. Buscarei, nas próximas páginas, explorar ambas as dimensões: a centralidade do amor em detrimento do sexo e a forma como os valores de honestidade, igualdade e liberdade incidem sobre ele de modo a questionar as oposições entre amor e amizade e as bases que fundamentam o amor romântico.

A centralidade ocupada pelo amor nas narrativas poliamoristas pode ser entendida levando-se em consideração que para os pesquisados uma relação apenas é poliamorista na medida em que tem envolvimento emocional profundo. Apesar da importância dada ao termo, não há uma definição consensual, sendo recorrente nas redes sociais a afirmação de que o amor é indefinível e incomunicável. Esta é a posição de Reinaldo<sup>1</sup>, membro da comunidade do Orkut, que defende que se fuja à tentativa de generalizá-lo. Para ele, já que o amor é livre, não se enquadra em categorias, não devendo, portanto, ser "aprisionado". Para João<sup>2</sup>, moderador da comunidade, o problema da imprecisão do significado do amor se deve à escassez terminológica. O poliamorista afirma que os gregos eram mais avançados, dispendo de quatro expressões para designar o que genericamente chamamos de "amor". João diz que não é apenas possível conceituá-lo, mas fundamental para que os poliamoristas defendam publicamente sua posição.

A liberdade é o principal valor associado ao amor, o que leva alguns poliamoristas a afirmarem que em uma relação monogâmica só há sentimento de posse e não de amor. João afirma que somos condicionados a pensar que o amor é um sentimento exclusivo: "se ele fosse mesmo, como conseguiríamos amar ao nosso pai, a nossa mãe e aos nossos filhos?" Ele defende que não há impedimento para que o sentimento se manifeste por um número ilimitado de pessoas: "Fomos apenas levados a crer que o amor sexual deve ser exclusivo (...). É o único sentimento que as pessoas querem atribuir exclusividade." Argumenta, ainda, que até monogâmicos se envolvem com duas pessoas ao mesmo tempo, só que eles se veem obrigados a escolher. No Poliamor nenhuma "escolha exclusiva" precisaria ser tomada.

---

<sup>1</sup>Reinaldo declara ter 29 anos e ser professor de yoga.

<sup>2</sup>João declara ser morador de São Paulo e ter 37 anos. Define-se como liberal, libertino, libertário, ateu, orgiasta, quase-escritor, poliamorista, feminista, entusiasta, empático, intenso, paulistólatra, romântico e heterossexual.

Outro ideal vinculado ao (poli)amor é o da igualdade, entretanto, é importante mencionar que ele apresenta uma ambiguidade, já que ao mesmo tempo em que hierarquias são questionadas pelos pesquisados, o anseio por igualdade é tido como constrangedor à livre expressão afetiva.

O ideal da "honestidade" é permeado pela mesma contradição, pois, se por um lado, ser honesto a "si mesmo" permite uma pureza da expressão amorosa, por outro, pode se chocar com o compromisso com o(s) parceiro(s).

### **(Re)Definindo fronteiras entre amor, sexo e amizade**

#### **Amor e amizade**

Klesse (2006), Barker (2005), Rothblum (1999) afirmam que as fronteiras entre amizade e conjugalidade perdem claridade nos discursos e práticas poliamoristas. Uma das razões apontadas por esses pesquisadores é a de que o Poliamor funciona analogamente à amizade conjugando intimidade à autonomia. Outra aproximação seria a possibilidade de viver tanto amizades quanto amores ilimitados. Tendo em vista estas duas relações, proponho investigar se os pesquisados fazem distinção entre o amor e a amizade. Caso sim, quais seriam os elementos em que se baseiam essas diferenças? E por fim, seriam elas hierarquizadas?

Um usuário, que utiliza o nome de Auguste Comte<sup>3</sup>, argumenta que o homem moderno tende a separar tudo, impedindo uma compreensão da "vida total" e "verdadeira". Esta separação, no plano dos afetos, culmina na distinção do amor em relação à amizade que são para ele distintos apenas em função do amor moderno ser a posse de um indivíduo sobre o outro. O fim da "posse" promoveria o rompimento da divisão entre amizade e amor, possibilitando a distribuição ilimitada dos afetos e o pleno exercício da sexualidade.

Daniel<sup>4</sup> e Rodrigo<sup>5</sup> travam um caloroso debate sobre a existência ou não de um vínculo mais intenso do que a amizade. Daniel afirma não acreditar no amor ("no sentido romântico"), defendendo que há apenas vontade de compartilhar genes (sexo) e ideias (amizade). Por ser considerado algo imaterial, sagrado, transcendente, o amor é tido, segundo o pesquisado, como superior ao sexo que, em contrapartida, está associado ao sujo, ao profano, ao pecaminoso e

---

<sup>3</sup>Auguste apresenta-se como um "fake" do filósofo francês. Declara, entretanto, não ser positivista, morar em Bourdeaux (França), ter Pós-Doutorado em sociologia, ser casado e não ter filhos. Define-se como "caucasiano", "agnóstico" e de "esquerda liberal".

<sup>4</sup>Daniel declara ser morador de Irecê (BA) e se define como uma seita e um partido político de um membro só, arrojado, atrevido, criativo e apaixonado.

<sup>5</sup>Rodrigo declara ter 24 anos de idade, ser estudante universitário e morar com os pais na zona oeste do Rio de Janeiro.

ao imoral. Daniel acredita que nada é transcendente ou sobrenatural:

*"Nenhuma filosofia de além mundo me agrada. O sexo é indispensável, inevitável, incontornável e maravilhosamente delicioso. Amizade é o que pode haver de mais interessante no que tange ao convívio social. Existe uma tendência de as pessoas quererem que sexo e amor [não seria amizade?] estejam ligados, imbrincados, acoplados de alguma maneira. Podemos ter essas duas coisas com uma mesma pessoa. Assim como podemos ter somente qualquer uma delas. E em qualquer dos casos, acho ótimo. Conclusão: nenhum lugar para hierarquias."*

Para Rodrigo existe um sentimento mais intenso do que a amizade, um nível mais profundo de envolvimento, e que devemos denominar de "amor" para facilitar a comunicação. Daniel diz não acreditar em nada mais intenso do que a amizade, para ele só há confiança, intimidade, lealdade, presteza, atenção e dedicação, sendo essas as bases da amizade e não as do amor, que pressupõe algo de "além mundo". Rodrigo insiste que amor é um envolvimento mais profundo e que quem afirma o contrário é porque não amou. Daniel responde:

*"Nesse ponto chegamos na encruzilhada ardilosa em que eu posso dizer que, se você diz que amizade não é maior do que amor, é porque você nunca sentiu amizade! Ora, é o seu mesmo argumento, só que do outro lado. Claro que não acho que ele esclarece nada. Pretender ter sentido emoções mais elevadas que as demais pessoas parece-me inapropriado. Quem vai dentro das emoções dos outros, e lhes advinha as dores, as inspirações, as malícias, os prazeres, para julgar? Ninguém."*

Rodrigo diz que é Daniel quem está julgando o sentimento dos outros ao dizer que não existe nada maior do que a amizade. Reafirma que considera útil distinguir "envolvimento emocional profundo" de amizade:

*"Repito que creio que o problema seja de DEFINIÇÃO. Eu também, há alguns anos atrás, usava o termo 'afetividade' pra descrever o que vocês estão chamando de amizade - existia um nível médio, muito baixo, e um mais alto que em geral se consegue com relações conjugais (apesar de não só, mas ser muito raro conseguir fora delas); a questão é que, para FACILITAR A COMUNICAÇÃO, prefiro usar o termo AMOR para nomear a 'afetividade profunda' - que é o que, na prática, as pessoas fazem." (Grifos do pesquisado)*

O conflito no que se refere à distinção entre amor e amizade parece incidir sobre duas dimensões. A primeira é o pertencimento do sexo ao amor e/ou a amizade e a segunda é a possibilidade de afetividade/intimidade profunda em vínculos de amizade. Acredito que esses conflitos se devam à permanência da utilização de termos que não são suficientes para definir os novos arranjos conjugais. Os relacionamentos contemporâneos, ao desarticularem o casamento

como fonte exclusiva de envolvimento amoroso e sexual, flexibilizando as modalidades conjugais, promovem uma aproximação do sexo e do amor em relação à amizade. Busca-se, portanto, reger tanto o sexo quanto o amor a partir dos princípios da amizade e não mais do casamento, recusando a "exclusividade", evitando "sacrifícios" e glorificando a "liberdade". Os termos "amizade colorida", "parceria" e "companheirismo", para os novos arranjos conjugais, expõem as ambiguidades com que são construídos os relacionamentos contemporâneos, aproximando o amor e o sexo da amizade, sem, no entanto, se definirem efetivamente como elementos próprios dela.

Entre os poliamoristas, em função da defesa não apenas da não exclusividade sexual, mas também da amorosa, a aproximação entre amor e amizade é bem acentuada, razão pelo qual a amizade simboliza, para muitos, o modelo ideal para o vínculo amoroso - já que pressupõe autonomia, intimidade e durabilidade. Doutor Love<sup>6</sup> afirma que as relações de "amizade colorida" são o mais próximo do ideal do Poliamor: "Não exigimos satisfações, não parasitamos ninguém, não nos sentimos donos dos outros. Deveríamos amar os outros como amigos, e não como namorados ou cônjuges para que não nos sintamos donos de ninguém."

Tanto o namoro quanto o casamento são arranjos recusados por alguns poliamoristas, por entenderem estar implícito um contrato prisional. O "ficar" tampouco contemplaria os relacionamentos poliamoristas, pois daria a ideia de ausência de envolvimento afetivo e de continuidade.

É importante destacar que o que parece diferenciar os arranjos poliamoristas de outros vínculos conjugais contemporâneos não é a aproximação da amizade e do sexo, mas a entre amor e amizade. Observa-se em "relacionamentos abertos" e no swing, por exemplo, uma maior liberalização das práticas sexuais, sem, no entanto, legitimar múltiplos vínculos amorosos concomitantes. No Poliamor, tanto os afetos quanto a sexualidade podem ser compartilhados com um número indeterminado de pessoas, o que tende a esvaziar de sentido o papel social diferenciado de cônjuge. No entanto, existem ambiguidades, bem expressas no diálogo entre Daniel e Rodrigo, onde, por um lado, busca-se ter um número maior de parceiros (cônjuges), mantendo o papel diferenciado e a distinção entre amizade e namoro, por outro, crê-se que não é necessário definir qualquer status diferenciado a alguém, não mais opondo amigos a namorados.

Em suma, entre os pesquisados, o não entendimento do amor como um sentimento exclusivo o aproxima da relação de amizade que sintetiza o ideal de conjugalidade de muitos poliamoristas - a

---

<sup>6</sup>Doutor Love declara ter 33 anos e ser morador do Rio de Janeiro, além de "caucasiano", "heterossexual" e "ateu".

amizade não é regida por contratos - os amigos estão juntos porque querem e não porque devem.

### **Amor e sexo**

Busco neste item investigar mais detalhadamente a relação entre amor e sexo a fim de responder se os pesquisados as consideram realidades distintas, coexistentes ou opcionalmente relacionadas e se seriam elas hierarquizáveis.

João, moderador da comunidade do Orkut, afirma perceber entre poliamoristas uma contraposição do sexo ao amor e a crença de que o amor é nobre e superior. Em seguida, pergunta se os demais concordam com esta afirmação.

Isabela<sup>7</sup> afirma que sim, que considera o amor superior ao sexo e que viveria sem sexo, mas não sem amor. Mariana<sup>8</sup> acha que o sexo é apenas a expressão de algo maior (amor, paixão ou tesão), enquanto o amor é o objeto principal. Téo<sup>9</sup> afirma que o privilégio do amor está no fato de estar associado a múltiplas variáveis, como segurança, atenção e amizade, enquanto o sexo apenas se articula à satisfação momentânea e à reprodução. Lúcia<sup>10</sup> afirma ser mais ligada a sexo do que deveria e que o amor é mais nobre, abstrato, envolvente e confuso do que o sexo. Nina<sup>11</sup> diz que percebemos o sexo como algo errado e sujo e que apenas o consideramos limpo e bonito quando acompanhado de amor. Para Rodrigo, o menosprezo de poliamoristas ao sexo sem amor ("sexo casual"), se deve a uma reação à "objetificação" do parceiro nessas experiências. No entanto, afirma ser possível fazer sexo casual sem tornar a outra pessoa um objeto.

O reconhecimento e a valorização das singularidades no meio "poli" faz com que a sexualidade desprovida de elo íntimo seja desvalorizada e até mesmo condenada. Nesse sentido, o vínculo amoroso ocupa um lugar de destaque, se contrapondo ao sexo "objetificado". A preeminência do amor sobre o sexo aparece na contínua busca dos poliamoristas por dissociar o Poliamor de práticas sexuais. Cardoso (2010) afirma que há um medo de ser "sexualizado" entre os poliamoristas por implicar um enfoque

---

<sup>7</sup>Isabela declara ser moradora do Rio de Janeiro, ter estudado na UFRJ e viver uma "amizade colorida".

<sup>8</sup>Mariana declara ser moradora de Maringá (PR) e ter feito curso universitário na CESUMAR.

<sup>9</sup>Téo declara ser morador de Itanhaem (SP), ser casado e bissexual.

<sup>10</sup>Lucia declara ter 23 anos e trabalhar em um salão de belezas.

<sup>11</sup>Não há informações disponíveis sobre a usuária.

negativo, o que acaba por operar hierarquias entre amor e sexo e patologizações vinculadas ao plano sexual. Klesse (2006) argumenta que há uma política de diferenciação do Poliamor em relação a outras formas de “não monogamia”, principalmente o swing, a quem recai a classificação de promiscuidade. Klesse argumenta, ainda, que a manutenção da categoria promiscuidade entre os poliamoristas implica o cultivo de um espaço de estigmatização daqueles que procuram sexo apenas por prazer e que têm um alto número de parceiros sexuais, sem procurarem parcerias duráveis:

*“However, rather than to deconstruct exclusive assumptions at the heart of promiscuity discourses, many polyamorists deploy an argumentative strategy that aims to demonstrate that the promiscuity allegation is not applicable to them. This strategy is based on an act of distinction. Polyamory is said to be different from promiscuity, swinging or casual sex.” (ibidem: p. 577)*

São, em geral, os polifíéis, ou seja, os sujeitos que praticam a polifidelidade (tendo restrições ao estabelecimento de elos afetivos e sexuais), os que mais utilizam a noção de promiscuidade. Eles procuram limitar as experiências amorosas de forma a dividi-las em duas grandes categorias. A primeira, à qual pertenceria o sexo sem amor: do banal, profano, cotidiano, formal e público. E a segunda, do sexo com amor, que compreende: o especial, o sagrado, o superior, o privado e o íntimo. Apesar desta distinção também estar presente entre os poliamoristas que defendem relacionamentos abertos, entre estes, a desvalorização do sexo se concentra mais sobre a “objetificação” do parceiro, e não sobre o número de parcerias sexuais. Desta forma, a crítica é ao “machismo”, ao tratamento da mulher como objeto de uso masculino e da despersonalização do ato sexual. A pressuposição de “igualdade” e de reconhecimento do outro como sujeito é o que sustenta a crítica e a distinção desse segundo grupo de poliamoristas aos monogâmicos e aos swingers.

Apresento uma discussão no grupo do Facebook sobre “sexo casual” que demonstra estas duas posições. O debate se instala quando Daniela<sup>12</sup> afirma:

*“Acho putaria só porque um relacionamento é poli os outros acharem que podem sair pegando geral, qualquer um por quem se sinta atraído [...] Ser poli não é desculpa pra sair transando com um monte e beijando um monte à toa, na verdade quem faz isso não é poliamorista.”*

O “pegar geral”, a “putaria”, são vistos por Daniela como uma forma de desvalorização do vínculo amoroso, uma vez que profaniza, vulgariza o ato sexual, tornando-o “excessivamente” possível.

---

<sup>12</sup>Daniela declara morar em Ribeirão Preto ( SP) e estar cursando ciência da computação.

Para Rougemont (2003), a origem do amor romântico está na tentativa religiosa de supressão da condição mundana. *Eros* ou “desejo sem fim”, uma das bases do amor romântico, não objetiva a realização, mas a idealização, a distância, a interdição<sup>13</sup>. A característica intrínseca ao sagrado, como bem demonstrou Durkheim (1996), é de uma valorização que dificulta o acesso, a possibilidade de realização.

Os poliamoristas que vivenciam “relacionamentos abertos” buscam facilitar os envolvimento afetivos e sexuais, não os restringindo ao casamento, ou ao encontro com uma “alma gêmea”. Objetivam “dessacralizá-los” e veem, por exemplo, os mecanismos de sedução como barreiras à expansão de um potencial afetivo ilimitado: já que, como defendem, “o amor bom é facinho”<sup>14</sup>.

Outra referência poliamorista que contribui para essa discussão é a campanha: “eu escolhi esperar”, de mulheres que optaram por ter sua primeira experiência sexual após o casamento. Esta postura repercutiu em alguns com risos e encorajamento para que fosse criado o grupo oposto: “escolhi não esperar”. Os pesquisados, ao invés de limitarem suas possibilidades, buscam expandi-las, não se restringindo a padrões estéticos muito rigorosos, nem a outros critérios muito específicos - transformando o amor de artigo raro, “obstaculizado” e “impossível”, em não idealizado e ilimitado. Em contrapartida, os polifíeis que veem o amor como “sagrado”, defendem que ao aumentar deliberadamente o número de parceiros, os contatos sexuais se tornam mais superficiais, inviabilizando o amor, banalizando-o. Apesar de entre estes poliamoristas persistir uma dimensão “sagrada”, “interditada” do amor, há uma expansão de suas possibilidades, marcada pela quebra da restrição ao casamento ou a qualquer outro arranjo monogâmico.

É importante reafirmar que os poliamoristas não veem no casamento e na constituição de uma família mononuclear o lugar exclusivo ou privilegiado de envolvimento emocional. Dizem não acreditar ser necessário escolher uma única pessoa e a ela voltar todas as suas emoções e expectativas de vida, atribuindo a um único indivíduo uma posição absolutamente diferenciada dos outros. A expansão das possibilidades do amor enfatiza que muitos podem ser “especiais”, “singulares” e “amáveis”. Esta seria uma marcação de distinção com relação aos adeptos de swing, dentre outras

<sup>13</sup>O autor afirma que quanto mais interdito o objeto de desejo, maior é o investimento emocional, uma vez que “a astúcia mais elementar do desejo é o adiamento”. (Rougemont, 2003: p.78).

<sup>14</sup>“O amor bom é facinho” trata-se de um artigo da revista *Época*, escrito por Ivan Martins (<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI244764-15230,00.html>) debatido no grupo Pratique Poliamor Brasil. Nele, faz-se uma crítica a valorização do “esforço”, do “sacrifício” e a desvalorização do envolvimento “fácil”. O artigo é divulgado com entusiasmo no grupo.

modalidades de relacionamentos múltiplos, que colocam a esfera do lar, do casal, como sagrado, local de profundidade emocional, enquanto "a rua", o clube de swing, seria o terreno do anonimato, da apropriação de corpos genéricos, despersonalizados. Os poliamoristas, em contrapartida, afirmam que valorizam a singularidade, e é em geral o que dizem procurar em cada experiência amorosa.

Há que se destacar, por fim, que há posições distintas dentro do grupo e que podemos, correndo o risco de sermos demasiadamente sistemáticos, dividi-las em duas: a que defende "relacionamentos abertos", associada aos ideais de liberdade e autonomia e de dessacralização do amor e do sexo; e a praticante da polifidelidade, que defende a restrição dos elos afetivos e o privilégio dos valores de negociação e reciprocidade. O primeiro é mais expressivo entre os pesquisados brasileiros, enquanto nas pesquisas nos Estados Unidos e Europa, a polifidelidade parece ter maior adesão<sup>15</sup>.

### **O amor romântico e o Poliamor**

João, moderador da comunidade do Orkut, vincula a miserabilidade monogâmica ao amor romântico, dizendo que se trata de uma "cegueira", uma utopia da completude afetiva, um sentimento único, inabalável, eterno, fruto de uma combinação perfeita entre os parceiros. Esta crença é, para ele, causa de uma frustração universal uma vez que as pessoas se guiam por um objetivo impossível. Alana também é enfática nesse sentido:

*"Fizeram a gente acreditar que cada um de nós é a metade de uma laranja, e que a vida só ganha sentido quando encontramos a outra metade. Não contaram que já nascemos inteiros, que ninguém em nossa vida merece carregar nas costas a responsabilidade de completar o que nos falta (...). Fizeram a gente acreditar numa fórmula chamada 'dois em um': duas pessoas pensando igual, agindo igual, que era isso que funcionava. Não nos contaram que isso tem nome: anulação. Que só sendo indivíduos com personalidade própria é que poderemos ter uma relação saudável..."*

Para Klesse (2011), as características que sintetizam o amor poliamorista são: não é exclusivo e limitado; é baseado em liberdade; honestidade; comprometimento; dedicação; trabalho; cuidado com o outro e altruísmo. As duas primeiras características são fundamentais, também, para os poliamoristas brasileiros pesquisados, sendo as seguintes menos representativas, uma vez que contrariam às de autonomia, liberdade e espontaneidade.

Não se trata aqui de negar a importância destas noções na prática poliamorista. O "trabalho", por exemplo, alude à "negociação" e busca de consenso, ambas enfatizadas pelos poliamoristas que priorizam os ideais de igualdade e reciprocidade.

---

<sup>15</sup>Sobre a relação entre polifidelidade e Poliamor nos Estados Unidos e Europa, ver Klesse (2006) e Laclau and Mouffe (1985).

O amor "poli" também envolve "trabalho" na medida em que há um esforço permanente para despir-se da monogamia, ou seja, abandonar os ciúmes e a tentativa de controle do amado. Esta perspectiva da noção de "trabalho" parece contemplar um número maior de poliamoristas, que, preocupados em desvendar e lapidar o "eu", dão menor valor ao trabalho com o outro ("negociação").

A dedicação ao outro e o "altruísmo" seriam dimensões ainda menos pertinentes entre os meus pesquisados uma vez que implicariam centralidade nos desejos do(s) parceiro(s), quando os seus discursos enfatizam o próprio desejo e a aceitação e contentamento com a liberdade do amado. É fundamental destacar que o centro norteador do amor poliamorista é o "eu mesmo" e não o outro, razão pela qual são raros os depoimentos que expressam o amor por alguém. As falas de amor se referem à possibilidade de amar "como", "quem" e "quantos" quiserem. A ênfase dos pesquisados está na busca por legitimar a própria "liberdade" de amar, o que é reforçado pelo pequeno número de poliamoristas que efetivamente vivem uma relação "poli". Há, desta forma, um discurso de lamentação sobre a castração amorosa e uma tentativa de superação da regra da exclusividade, não sendo a fala sobre amor endereçada ao outro, menos ainda um "assujeitamento altruístico" ao amado. O principal amado poliamorista é o "si mesmo", expresso entre alguns pesquisados por um culto à solidão e à solteirice<sup>16</sup>.

O ideal de "honestidade" apresentado por Klesse (2011) tem uma diferença fundamental daquele encontrado entre os meus pesquisados. O autor afirma que o objetivo deste é permitir um contato íntimo "sem barreiras", o que faria do amor poliamorista uma expressão contemporânea do amor romântico. Como exposto nos relatos acima, a ênfase dos poliamoristas brasileiros é em afirmar sua autonomia e não em "fundir-se" no amado. A seguir me concentrarei em mostrar como os ideais do amor romântico de "fusão" e de "eternidade" têm pouca representatividade entre os meus pesquisados. Antes, irei fazer uma breve discussão histórica do tema para reforçar meu argumento.

Rougemont (2003) defende que a origem do "amor romântico" está articulada à poesia provençal francesa do século XII. Para o autor, o "amor paixão" que perdura até o romantismo moderno é sofrimento, "amor recíproco infeliz", "celebração do inatingível" - marcas do homem ocidental que se reconhece no sofrimento e que prefere a "deliciosa tristeza". Para ele, o "amor paixão" (*Eros*), cultuado no Ocidente, é uma fuga para além do concreto da vida, uma promessa de completude e divinização irrealizável. A

<sup>16</sup>Alana afirma ao grupo Poliamor Brasil do Orkut: "Há pessoas solteiras por opção, há pessoas solteiras por falta de opção, eu sou solteira por convicção". Entende-se o termo "solteira" aqui não como o não estabelecimento de laços, mas como a afirmação do não fechamento de possibilidades.

contraposição a *Eros é Ágape*, onde o amor é pelo outro e não pela ideia de amor ou de seu mortal e “delicioso ardor”. É um amor possível, presente, feliz e obediente e que está expresso no casamento que santifica.

Rougemont (2003), Flandrin (1982) e Ariès (1982) mostram que a associação entre “amor paixão” e casamento é recente na história do Ocidente. Rougemont estuda a sociedade de corte, em que o amor está associado ao desejo de morte e à busca do adiamento de sua consumação. Flandrin aponta para a sua inexistência nos debates em torno da conjugalidade até o século XX, ou então, quando mencionado, vinha marcado por reprovação: “O homem sábio deve amar sua mulher com discernimento, não com paixão (...) que eles não se apresentem as suas esposas como amantes, mas como maridos”. (Flandrin, 1982: p.49). O autor aponta o casamento como interesse de família, basicamente fundamentado na procriação e educação dos filhos. O elo creditado ao casamento é um sentimento sereno que emergiria no decorrer da relação, diferentemente do “amor paixão”, de início súbito e de intensidade incontrolável.

Ariès (1982) afirma que o “amor romântico” moderno aproximou a idealização típica do “amor paixão” e a possibilidade de concretude do “amor reserva”. Na base da gramática do “amor romântico” está associada uma nova percepção do indivíduo, tomado como unidade autorreferida, dotado de “liberdade” e tendo a “felicidade” como projeto existencial. Há, portanto, uma mudança nos critérios para a formação do casal – o afeto e a compatibilidade pessoal tomando o lugar de elementos como a riqueza familiar. Espera-se, desse modo, que o casamento passe de “negociado” a por “inclinação”, de domínio público para o campo da “intimidade” e da “espontaneidade pura” – nos termos de Ariès (1982).

Ernest Burgess (1926) defende que o impulso romântico é responsável pela desestruturação da instituição familiar e da infelicidade conjugal. Waller e Hill (1951) reforçam este argumento afirmando que nos lugares onde o “amor romântico” é valorizado, os casamentos são instáveis. Segundo Berscheid (2010), a consolidação do “amor romântico” nos Estados Unidos está articulada ao acelerado crescimento das taxas de divórcio a partir da década de 1950.

Embora o amor romântico, como afirmam os autores mencionados, tenha contribuído para a disseminação do divórcio, não implicou na decadência definitiva da instituição do casamento, mas em sua reformulação, onde a descrença na eternidade possibilitou a passagem dos vínculos indissolúveis para a valorização de sua durabilidade, como afirma Ariès (1982)<sup>17</sup>. Por

---

<sup>17</sup>“Hoje, pouco importam a origem e a natureza do vínculo, o que conta é a sua duração. (...) O verdadeiro casamento é uma união que dura, com uma duração viva, fecunda que desafia a morte. Vingança subterrânea do dinamismo da continuidade em uma civilização que privilegia o instante e a ruptura” (*ibidem*: p.162).

sua vez, com a disseminação do divórcio e sua institucionalização (no Brasil em 1977), ocorreu um crescente processo de flexibilização dos arranjos conjugais - passando o "amor romântico" a não estar mais vinculado exclusivamente ao casamento (Vaitsman, 1994)

Bèjin (1982) analisa esses novos arranjos contemporâneos, as "uniões livres", como uma estratégia juvenil, inconsciente, de conciliar interesses contraditórios na antiga sociedade ocidental, o amor "fora" e "dentro" do casamento. Segundo o autor, a marca dos vínculos conjugais contemporâneos é a busca por "ganhar de todos os lados (...) sem nada sacrificar de suas possibilidades", conjugando a estabilidade e a permanência do "amor reserva" (amor dentro do casamento) com a intensidade do "amor paixão" (amor fora do casamento) (*ibidem*: p.184) O casamento, entretanto, não é substituído pelas "uniões livres" que tampouco representam o fim do "amor romântico", sendo apenas expandidas as possibilidades de sua vivência.

Bauman (2003), analisando um período mais recente, afirma que o desejo de estar "ligado" permanentemente a alguém é visto com desconfiança, já que representa uma limitação de outras realizações potencialmente mais satisfatórias e completas. A maior "liberdade" contemporânea é vista, pelo autor, como paradoxal, uma vez que as escolhas são difíceis e as concessões dolorosas. Apesar das transformações, a ideia de uma única união plenamente satisfatória não é desfeita em Bauman e se manifesta repleta de temores, incertezas e angústias. Tendo em vista o expandido universo de possibilidades, fica-se cada vez menos seguro de se ter de fato encontrado a "alma gêmea". A diferença passa a estar basicamente na possibilidade constante de troca, impensável na primeira metade do século XX, o que promove vínculos que oscilam entre a "fixação" e a "flutuação".

O paradoxo que Bauman mostra é o mesmo apresentado por Bèjin (1982), onde se deseja conjugar vínculos leves e frouxos a parcerias seguras e duradouras. Deseja-se liberdade para que se possa fazer a melhor escolha possível - definitiva - mas como não se tem certeza de tê-lo feito, opta-se por manter os vínculos frouxos, permitindo a manutenção da busca romântica.

O argumento defendido neste artigo é que nem o "amor romântico" e nem os "amores líquidos" descritos por Bauman (2003) se referem aos anseios e construções poliamoristas e que a única correlação possível é a valorização da liberdade de se experimentar tudo aquilo que se deseja, sem nada sacrificar. Poliamoristas consideram todas as possibilidades desejadas como certas sem desejo de se vincularem à "pessoa certa", ao(a) príncipe/princesa encantado(a). Apesar de desejarem simultaneamente intensidade nos vínculos e "frouxidão" para encontrar outros amores, acreditam não ser necessário "abrir mão", pois vários amores simultâneos são conciliáveis. A escolha entre poliamoristas

não é entendida como excludente, o que mostra um quadro fundamentalmente distinto do elaborado por Bauman.

Helô argumenta no site Poliamor Brasil que "Eros" não é um sentimento poliamorista, já que é uma ilusão, uma tentativa frustrada e idealizada de "fusão" e "completude" no amado<sup>18</sup>. Não há, em sua perspectiva, idealização dos parceiros no Poliamor, que são descritos como reais e repletos de defeitos. Também são recorrentes as afirmações, nos fóruns pesquisados, de que ninguém se satisfaz integralmente com uma única pessoa e que todos já são completos, independentemente de parcerias amorosas. Outro argumento que afasta o "amor paixão" do Poliamor é o caráter único e especial do amado, expresso em concepções como: "só poderia ser com você". Para os pesquisados, esse tipo de crença é risível, já que todos são tidos igualmente como possibilidades, "únicos" e "especiais". Em suma, não há qualquer menção à noção de "completude" entre poliamoristas. Ao contrário, inúmeros são os ataques a esse objetivo "monogâmico" e ao "amor romântico".

Danilo, membro da comunidade do Orkut, também vê a paixão como algo que pertence à monogamia. Ele a define como algo ilusório cujo alvo é aleatório e se esgota em dois anos. Para o pesquisado, casamentos por paixão são equívocos, a procura deve ser por sexo e amizade, que é a base do amor. Roberta declara que não sente mais as "mega-paixões" da adolescência e que descobriu que muito da intensidade do sentimento deriva do medo, da insegurança de perder a pessoa em questão. Descreve a paixão como parte de "uma ansiedade perene nada saudável". Hoje ela diz se interessar por pessoas de forma mais branda e profunda e que constrói o que sente, sem ser vítima de seus sentimentos.

O "amor reserva" tampouco é valorizado. Primeiro, porque há uma oposição no grupo às noções de "estabilidade" e "permanência". A própria adoção hegemônica entre poliamoristas de "relacionamentos abertos" mostra como há um espaço permanente para mudanças. Não só os relacionamentos, mas as pessoas são concebidas como mutantes, proporcionando constantes rearranjos nos relacionamentos. A "eternidade" também não é um ideal poliamorista. O "para sempre" é visto como um contrato prisional, uma abdicação de "liberdade", um "sacrifício", e "amor" e "sacrifício" são vistos como oposições. O relacionamento "durará" o tempo em que for satisfatório. Entretanto, é importante destacar

<sup>18</sup>No site Poliamor Brasil, a paixão não é descrita como uma busca poliamorista. Helô a define como um "vício", uma busca incessante e insatisfeita por novas "vítimas" capazes de produzir uma "ardência inicial". Defende que os poliamoristas tendem a se dedicar profundamente a suas relações e que em nome da "armadilha" de Eros não compensa reorganizar uma rede de relações estáveis. Para ela, os relacionamentos poliamorosos não visam conciliar um vínculo "morto" a novas paixões, não se tratando, portanto, de mais uma tentativa de sanar o conflito entre *Eros* e *Ágape* - "amor paixão" e "amor conjugal", amor fora e dentro do casamento.

que a própria noção de “rompimento” pode não fazer sentido, já que é possível conjugar amores. Defende-se que as transformações do vínculo amoroso sejam vistas como contingências e que não gerem a ruptura – já que se pode permanentemente buscar em outro aquilo que não se encontra com o parceiro, sem que seja necessário optar por um deles.

A estabilidade e a segurança psíquica que proporciona a presença de um parceiro permanente em um mundo onde tudo se transforma não é valorizada por poliamoristas, que defendem “aceitar” e se “alegrar” com a liberdade dos parceiros. Os princípios de “segurança” e “identidade”, representados pela parceria amorosa estável e duradoura, são apontados por Bauman (2003) e Giddens (1993)<sup>19</sup> como fundamentais na construção dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade. A proposta poliamorista, em contrapartida, defende a não constituição de si a partir do parceiro, já que todos são “completos” e apenas compartilham experiências e emoções. Essa lógica de amor é expressa por Roberto Freire (1990), importante referência para os poliamoristas pesquisados, que na “declaração do amante anarquista” diz: “Porque eu te amo, tu não precisas de mim. Porque tu me amas, eu não preciso de ti. No amor, jamais nos deixamos completar. Somos um para o outro, deliciosamente desnecessários”.

No cerne dos ideais poliamoristas está a noção de “liberdade” - tanto própria quanto do parceiro, o que refuta a estabilidade do “amor reserva”, e a ideia de fusão do “amor paixão”. A valorização da “liberdade” recusa o entendimento do amor como “propriedade privada”, já que “ninguém pertence a ninguém”, afirmando o valor dado à “descontinuidade” e à transformação incessante. Ama-se mais a “liberdade”, a “possibilidade” e o “incerto” do que seus próprios “objetos”.

O conceito de individualismo, tão caro ao pensamento sociológico, auxilia na compreensão do “mundo poli”. Há um discurso centrado no “eu”, na valorização da “liberdade” e da “igualdade”, como marcas de um mundo “desmagificado”, “horizontal” e “plural”. Como diz Maurício na comunidade Poliamor Brasil no Orkut: “Somos feitos da igualdade mais libertária que existe, a

---

<sup>19</sup> Apesar de apontar uma dissociação entre a leitura elaborada por Giddens e o Poliamor, alguns elementos pertencentes à análise do autor referente ao “amor confluyente” devem ser considerados. Para o autor, o “amor romântico” moderno, marcado pela tentativa de completude no outro, além da noção de eternidade, daria lugar a um amor caracterizado pela emancipação feminina, que valorizaria ideais como os de “liberdade”, “igualdade” e de “autossatisfação”. Vale notar ainda que o “amor confluyente” não seria necessariamente monogâmico e nem heterossexual.

diferença." Os poliamoristas pesquisados afirmam que consideram todos igualmente "únicos" e "especiais" e defendem relações desprovidas de "hierarquias" e "competições", características apontadas como próprias à monogamia. Eles dizem se relacionar sem almejar se sobrepor aos outros: ser o mais feliz, o mais realizado, ter e ser o melhor homem ou mulher.

Como defendem a não hierarquização de pessoas, escolher uma única, em um universo de possibilidades, não faz sentido para eles. Cada uma "atende" a um aspecto, havendo, ainda, o "desconhecido", as "possibilidades" que negam qualquer garantia de já se ter alcançado o ideal. As "possibilidades" são, na realidade, o verdadeiro amor "poliamorista" - pois atendem aos anseios de se libertarem dos valores sociais que impõem a necessidade de se escolher uma única pessoa e a ela destinar seus afetos mais nobres. Esta visão é expressa por Helô no site Poliamor Brasil:

*"Não acredito em amor singular, amor exclusivo, amor excludente. O meu amor é geral, genérico, abrangente. Não acredito em amores finitos, amores limitantes, amores vertentes, verticais, vetoriais. O meu amor é um conjunto infinito de possibilidades, é a possibilidade"*  
20

### **Considerações finais**

*O grande fato da história da sexualidade ocidental é a persistência, durante longos séculos, até os nossos dias, de um modelo de casamento limitador, o casamento monogâmico e indissolúvel. (Ariès, 1982: p. 163)*

A afirmação do casamento monogâmico e indissolúvel como limitador é amplamente difundida entre pesquisadores e na sociedade em geral, não sendo exclusividade do historiador francês Philippe Ariès ou dos discursos de poliamoristas. Um desdobramento desta crença, e que também extrapola os limites da academia, é que o dilema mais fundamental das conjugalidades ocidentais modernas está na inconciliação do amor à liberdade.

Badinter (1986), assumindo esse conflito, afirma que na contemporaneidade desenvolvemos uma ética "egocêntrica" e "analgésica" na qual, diante de sinais de que a união não é perfeita e que gera sofrimentos, optamos por voltar a atenção para o "eu mesmo", "mimando nossos eus". Freire Costa (1998: p.136-137), apesar de compartilhar do mesmo dilema, critica a autora por condenar a busca dos sujeitos por escaparem de um amor marcado

---

<sup>20</sup>A autoria do texto é dada ao autor do site: <http://casadozander.com/> que apresenta-se como: "Tenho quarenta anos, carioca, desterrado em São Paulo. Eu era alguém até ontem. Desde o nascimento fui diversas pessoas, personagens, criaturas. Fato é que não quero ser coisa alguma. Estou sendo. Sou transitório, imperene, diáfano e efêmero. Quem eu sou? Um mistério em um livro aberto. Uma farsa, um travesti pós-moderno. O que tenho para o mundo é minha veia aberta, o meu core sangrado e exposto. Ou não."

pela impossibilidade de realização e pelo sofrimento. O autor afirma que não há nada de natural ou de admirável em amar romanticamente já que se trata apenas de uma crença emocional que pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. (*ibidem*: p.12)

O presente artigo adota essa perspectiva, de que o amor é um sentimento histórico, se afastando de uma concepção estritamente naturalista, qual seja, a de um sentimento imutável, presente indiferenciadamente em todos os sujeitos. Ao afirmarmos a historicidade do amor romântico procuramos apresentar outras formas de conceber, idealizar e vincular-se afetiva e sexualmente. A apropriação do conceito de "culturas afetivas" de Le Breton para pensarmos em diferentes "culturas amorosas" possibilita a reflexão não apenas de mudanças gerais em dado momento histórico, mas para a convivência de diferentes modalidades e representações amorosas. A análise dos discursos de poliamoristas brasileiros procurou cumprir esse papel, apresentando uma forma não hegemônica de amar que convive em tensão com o ideal romântico.

Apesar do aumento da liberdade para escolha do cônjuge na contemporaneidade, como enfatizado, dentre outros autores, por Bauman (2004), Costa (1998) e Badinter (1986), o entendimento do amor como uma junção simbiótica entre dois sujeitos não é superada por completo, sendo ainda este princípio o que orienta tanto as escolhas quanto as recusas de uniões amorosas. Os "relacionamentos líquidos", o aumento das taxas de divórcio e a "ética analgésica", deste modo, não devem ser vistas como um fracasso do amor romântico, mas como novas respostas a esta demanda por uma relação plena e insubstituível. Neste ponto, cabe resgatar a afirmação de Ariès destacada acima, desta vez enfatizando o surpreendente fato da persistência da monogamia como modelo de conjugalidade ocidental. Reside neste fato a importância histórica e sociológica de estudar práticas e ideologias "não monogâmicas" como o Poliamor, em entender o que torna possível que uma convenção tão amplamente condenada como a da exclusividade afetivo e sexual possa perdurar por longos séculos na história do ocidente, fazendo com que, mesmo não sendo efetivamente cumprida - vide as altas taxas de adultério - os poliamoristas, quando vistos, o são como um grupo exótico, imoral e que dificilmente consegue legitimar sua prática conjugal na esfera jurídica e na sociedade de forma mais ampla.

Fugindo à crítica de Costa a Badinter por condenar os sujeitos por não amarem romanticamente, reafirmo que a proposta deste trabalho se limitou a apresentar análises relativas ao ponto de vista amoroso de poliamoristas brasileiros, sem procurar desqualificar o amor romântico ou o Poliamor, mas expondo as hierarquias produzidas pelos pesquisados, que inevitavelmente cumpriu esse papel de crítica e condenação à monogamia e ao amor romântico.

O entendimento de poliamoristas sobre o amor romântico é de que se trata de um ideal ultrapassado, que se baseia na ética do mérito pelo sacrifício, sendo necessário abdicar dos bens mais valiosos (a liberdade e a singularidade) para cumprir a exclusividade. A busca por conciliar amor e liberdade está, não apenas na possibilidade de “escolha” de sua “cara metade”, de um cônjuge exclusivo, mas de se relacionar com quantas pessoas desejar, o que inclui nenhuma e (por que não?) apenas uma.

A contradição entre liberdade e conjugalidade contribui para que muitos pesquisados a fim de descreverem a forma como vivem ou como desejam viver se remetam à amizade como modelo ideal de relacionamento, fazendo com que gravitem entre os modelos tradicionais de conjugalidade e a amizade. Do namoro e do casamento, por exemplo, se apropriariam do sexo e do amor, renegando, por sua vez, o sentimento de posse, as obrigatoriedades e os ciúmes. Da amizade, valorizariam a espontaneidade, a liberdade e a possibilidade de ilimitados vínculos. Desta forma, por um lado, os pesquisados buscam se inserir dentro do campo das conjugalidades, ressignificando termos como casamento, namoro e amor. Por outro, fogem deste campo, afirmando suas particularidades e se aproximando da amizade.

O privilégio do amor sobre o sexo é um dos pontos que promove mais críticas aos poliamoristas por parte de outros grupos “não monogâmicos”. A condenação ao sexo casual, “objetificado” ou ao alto número de parcerias estritamente sexuais faria com que os pesquisados deslocassem o centro de acusação de promiscuidade para fora de si, já que no Poliamor o sexo é com amor, mas por sua vez enquadraria outros sujeitos na categoria de promiscuidade.

Gostaria de encerrar o artigo retomando o contraponto feito às reflexões de Klesse (2011) para quem o “altruísmo” e a “dedicação ao outro” são valores estruturantes do amor poliamorista. Os discursos dos poliamoristas brasileiros pesquisados, por sua vez, privilegiam o próprio desejo e apenas a aceitação e contentamento com a liberdade do amado. Deste modo, o centro norteador do amor poliamorista é o “eu mesmo”, tratando-se de um discurso referente à busca de superação da regra da exclusividade que afirma a possibilidade de amar “como”, “quem” e “quantos” quiser.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. 1982. IN: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. 1982. O casamento indissolúvel, IN: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.
- BADINTER, Élisabeth. 1986. *Um é o Outro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- BAUMAN, Zygmunt. 2004. *Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.

BARKER, Meg. 2005. This is my partner, and this is my partner's partner: Constructing a polyamorous identity in a monogamous world. *Journal of Constructivist Psychology*, 18, 75-88.

BÉJIN, André. 1982. O casamento extra conjugal dos dias de hoje IN: ARIÈS, Philippe., BÉJIN, André. (orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

BERSCHEID, Ellen. 2010. Love in the Fourth Dimension. *Annu. Rev. Psychol.* 61:1-25.

BURGESS, Ernest. Watson. 1926. The family as a unity of interacting personalities. *The Family*, 7(1), 3-9.

CARDOSO, Daniel. 2010. *Amando vári@s – Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.

COSTA, Jurandir. Freire. 1998. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.

DURKHEIM, Émile. 1996. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, São Paulo: Martins Fontes.

FLANDRIN, Jean-Louis. 1982. A vida sexual dos casados na sociedade antiga. IN: ARIÈS, Philippe, BÉJIN, André. (Orgs.). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense.

FREIRE, Roberto. 1990. *Ame e dê vexame*. Rio de Janeiro: Guanabara.

GIDDENS, Anthony. 1993. A transformação da Intimidade. *Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo.

KLESSE, Christian. 2006. Polyamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. *Sexualities*, v.9, n.5, 565-583.

\_\_\_\_\_. 2011. Notions of Love in Polyamory - Elements in a Discourse on Multiple Loving. *Laboratorium*. Vol. 3, no. 2:4-25.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. 1985. *Hegemony and Socialist Strategy*. London: Verso.

LE BRETON, David. 2009. *As paixões ordinárias. Antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes.

MAUSS, Marcel. 2004. "As técnicas do corpo". E "Uma categoria do Espírito Humano: a noção de pessoa, a de Eu". In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify.

MEAD, George, Herbert. 1962. *Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorism*. Chicago: The University of Chicago Press.

ROTHBLUM, Esther. 1999. 'Poly-Friendships', in Munson, Marcia and Stelboun, Judith (eds) *The Lesbian Polyamory Reader*, pp. 71-84. London: Harrington Park Press.

ROUGEMONT, Denis. 1992. *A História do amor no ocidente*. São Paulo: Ediouro.

VAITSMAN, Jeni. 1994. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

WALLER, Willard. and HILL, Reuben. 1951. *The Family, A Dynamic Interpretation*. New York: Warner Books.

**Abstract:** The objective of this study is to investigate the ideals of love of Brazilian polyamorists from the analysis of their speeches related to polyamory, romantic love and the distinctions between love and friendship and love and sex. Polyamory is a term that refers to the possibility of multiple affective and sexual relationships in a concomitantly, egalitarian and consensual way. In this work, love is understood as a historical product and is sought to analyze the continuities and ruptures from the “Brazilian polyamorist culture” in relation to other “loving cultures”. The polyamorists researched consider monogamy and romantic love sources of suffering, unhappiness, frustration and annulment of the own self. They defend, however, that individuality and freedom should not contradict with love, affirming that it is not only possible, but preferable to establish more than one conjugal relationship at the same time. In this perspective, friendship synthesizes for many the ideal of conjugality, as it seems to be governed by spontaneity and freedom and not by obligations and repressions. The primacy of love over sex may encourage attitudes of criticism and condemnation to the subjects who have sex without emotional involvement. This research was conducted in the years 2011 and 2012 when there were analyzed four Brazilian polyamorist virtual networks, five in-depth interviews with their supporters and participant observation in "Polymeetings" (face-to-face meetings). **Keywords:** emotions, love, polyamory, sexuality